

Antônio Gomes da Silva

Mestre em Filosofia. Professor do
Departamento de Sociologia e
Antropologia/UFPB Campus II.
Pesquisador do Laboratório de
Ciências da Cognição.
E-Mail: gomero@ch.ufpb.br

A irrupção do mítico e as muitas faces do homem

Iniciarei esta conversa com uma “*história assombrada*” cuja anotação é de Luís da Câmara Cascudo.

“Uma das estórias mais extraordinárias é a do vaqueiro José Francisco de Paula, morador da fazenda São Tomé, município de Santa Cruz, no Rio Grande do Norte, ponto obrigatório de passagem pelos comboieiros e compradores de sal e de peixe-voador. No alpendrado, quase sempre, estavam cinco ou seis vaqueiros ou mascateadores, que, depois da ceia, contavam casos e brigas. Uma noite em que José Francisco estava apenas com sua mulher ouviu-se o latido desenfreado dos grandes cães de caça que o sertanejo possuía. Não prestou atenção. Em cada semana, na noite da quinta para sexta-feira, os cães ‘acuavam’ furiosamente. José Francisco, numa noite alta, entreabriu a janela e viu passar, seguido pela matilha enfurecida, um animal corpulento, meio baixo, roncando e

batendo insistentemente as largas orelhas de burro. Vindo, dias depois, um comboio arrancar-se na fazenda, José Francisco contou o episódio. Era a noite fatídica. Um dos comboieiros explicou que o bicho batera em boa porta. Ele trazia justamente cera benta e, besuntando as balas da ‘Winchester’, declarou-se pronto para desencantar o fantasma. Ao nascer da lua, pelas onze e tanto, ouviram a trovoada dos cães de caça e a marcha resfolegada de um animal pesado. Saíram todos e fizeram tocaia. O vaqueiro escolhido escondeu-se perto duma barranca do rio, agora seco pelo verão escaldante. De repente um vulto negro passou, sacudindo as orelhas. Descargas estrondaram, clareando o escurão que o luar não vencera. O bicho, incólume, rumara, num rosnado aterrador, caminho do rio. O vaqueiro, dormindo na pontaria, alvejou-o com um tiro fulminante. O animal, num ronquejo horrendo, caiu pela barranca abaixo, estre-

buchando. Correram todos, com archotes. Era um Lobisomem. A bala com a cera benta matara-o. Ferido pela morte não se desanimalizara inteiramente. Da cintura para baixo parecia um porco, sarrudo, cheio de lama e de garanchos, sujo de cascas, as patas firmemente cravadas na areia fofa do rio. Da cintura para cima era um homem moreno-claro, forte, de nariz apurado, cabeleira fina, anelada, as mãos fechadas na última convulsão. Enteraram-no ali mesmo, sem cruz, sob montão de pedras, sinalizando o local exato da tragédia inacreditável. José Francisco de Paula mudou-se para Estivas, no município de Ceará-Mirim, onde morreu, anos depois, sem nunca esquecer a noite da caçada impressionante.”¹

A primeira questão que proponho para esta *história assombrada* é: qual a *trama substantiva* – ou quais as *tramas substantivas* – que se nos

¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1976. pp. 160-161.

dá esta *história*, no que se refere aos seus aspectos míticos? Esta primeira questão, por seu turno, já exige alguns esclarecimentos. O que quero dizer com *aspectos míticos*? O que são *tramas substantivas*? O que é algo que *nos dá*, quando referido a *aspectos míticos* e a *tramas substantivas*?

Em pronunciamentos anteriores² defendi, dentre outras noções específicas a cada caso, a idéia genérica segundo a qual o mítico se esboça por seu caráter de sagrado, verdadeiro e modelar. O primeiro atributo do mítico, no entanto, é a sua sacralidade. A sacralidade do mítico, por sua vez, é o concernente às coisas divinas – divino no sentido amplo de sobrenatural, o sublime como o monstruoso³; e o sobrenatural enquanto irrupção no mundo dos homens, enquanto *epifania*. Ora, assinalar o sagrado enquanto irrupção no mundo dos homens é já falar de uma trama substantiva que institui e constitui este mesmo mundo; institui e constitui no sentido de dar começo a, estabelecer, criar, fundar; ser base, parte essencial, consistência e representação. O mundo dos homens, o mundo das vivências humanas é já a esfera das tramas substantivas – ou seja, a esfera das

tramas significativas. A esfera das tramas significativas, o que denominamos propriamente *Mundo*, instituída e constituída *pari passu* com o humano, é, desde sempre, o que *se dá* como vivência a cada um de nós, em nossa experiência de fundar e fundamentar – isto é, criar e justificar – nossas próprias vidas. *Trama*, ainda, no sentido de sustentar-se tão somente enquanto relação e reciprocidade; jamais como determinação única ou isolada.

Podemos voltar, então, à questão das tramas significativas que nos são assinaladas pela *história de assombração* anotada por Cascudo. O primeiro elemento da trama mítica em que o homem se vê enredado é que, de início, o sobrenatural irrompe no mundo sem aviso prévio, pelo que não é ainda compreendido como tal: “*Uma noite (...) ouviu-se o latido desenfreado dos grandes cães de caça que o sertanejo possuía. Não prestou atenção*”. Ora, fosse a irrupção mítica isolada ou fortuita, permaneceria incompreendida, desconhecida, sem qualquer significado para o humano. Mas o mítico se repete, força passagem para o mundo dos homens: “*Em cada semana, na noite da quinta para sexta-feira (...)*”. E repete-se a tal ponto que,

finalmente, *aparece* no horizonte do homem, faz-se *presente* para o homem – ainda que, de início, se faça *presente* apenas como *pré-sentimento*, como primeiro sentimento, como forma de um ‘conhecimento’ primeiro, diríamos: “*(...) numa noite alta, entreabriu a janela e viu passar, seguido pela matilha enfurecida, um animal corpulento, meio baixo, roncando e batendo insistentemente as largas orelhas de burro*”. Observe-se, no entanto, que este *pré-sentimento*, esta forma primeira – no sentido de que será mais tarde secundada por uma outra forma – de conhecimento, é como que *contemplativa*, no preciso sentido de que não induz, ainda, o homem à ação: “*(...) entreabriu a janela e viu passar ...*”. Por isto se diz: é um mero *pré-sentimento*; e ainda: será mais tarde secundada por uma outra. Até que o homem decide-se por enfrentar o *seu* destino, aquilo que lhe cabe como escolha ante o que o mundo lhe propõe, ante o que lhe é *presente*: “*(...) trazia justamente cera benta e, besuntando as balas da ‘Winchester’, declarou-se pronto para desencantar o fantasma*”. O sobrenatural, então, nos *aparece* como tal: enquanto ‘problema’ que instiga o homem à ação; enquanto ‘*O Outro*’ que resiste à ação humana. É somente a partir deste

² O Sagrado e o Profano na Literatura Popular do Nordeste Brasileiro. Recife, V Encontro de Antropólogos do Norte e Nordeste, 1997.; O Ciclo Mítico da Maldade Castigada na Literatura Popular do Nordeste Brasileiro. Fortaleza, VII Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, 1997.; O Caráter Mítico da Narrativa Popular do Nordeste Brasileiro. Campina Grande, I Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão, 1997.; Histórias de Assombração: “verdade” e “sacralidade” na narrativa mítico-popular do Nordeste brasileiro. Recife, IV Encontro Nordeste da APIPSA, 1997.; Linguagem e Mito: a narrativa popular do Nordeste brasileiro. Campina Grande, VI Semana de Letras, 1997.

³ Conf., também, ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo, Perspectiva, 1972., particularmente o capítulo primeiro, intitulado *A Estrutura dos Mitos*, seções 3 e 7, *Tentativa de definição do mito e Estrutura e função dos mitos*, respectivamente. I CASCUDO, Luís da Câmara. Geografia dos Mitos Brasileiros. 2 ed. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1976. pp. 160-161.

momento que podemos afirmar a *facticidade* do mítico, quando manifesta-se a sua capacidade de induzir à ação. De mero *pré-sentimento* torna-se indutor da ação; enquanto problematizador do mundo do homem, orienta este mesmo homem à busca de um sentido – sentido para o *pré-sentimento*, para a ação, para o próprio mundo que relacional e reciprocamente se dá e se faz através desta ação; orienta, pois, a própria ação. Este estágio ocorre desde que “(...) *ao nascer da lua, pelas onze e tanto, ouviram a trovoadada dos cães de caça e a marcha resfolegada de um animal pesado (...)*”; até que “(...) *ferido pela morte não se desanimalizara inteiramente. Da cintura para baixo parecia um porco, sarrudo, cheio de lama e de garranchos, sujo de cascas, as patas firmemente cravadas na areia fofa do rio. Da cintura para cima era um homem moreno-claro, forte, de nariz apumado, cabelo fina, anelada, as mãos fechadas na última convulsão*”. O humano instaura e vence seu próprio destino; o homem, desse modo, prevalece das forças monstruosas que o assaltam; e o sobrenatural, por fim, é assimilado ao mundo humano: “(...) *enterraram-no ali mesmo, sem cruz, sob montão de pedras, sinalizando o local exato da tragédia inacreditável*”. O homem está reconciliado com as suas forças e com o seu mundo, com as suas luzes e com a sua face obscura; o homem, que criou-se, pode agora justificar-se de si para si mesmo.

Que relações estabelecer entre tais *elementos* e o mundo, o *meu* mundo? De que modo isto se apresenta? Como me afeta? A irrupção de algo no mundo implica, primeira e necessariamente, em presença e re-

lação do que irrompe no *meu* mundo, para comigo, em face de mim. A irrupção da trama mítica no mundo, no *meu* mundo, é então uma *prova* que me dou de que há mundo, ao menos um mundo, o *meu* mundo. O irromper como *trama* torna evidente para mim, a um só tempo, que existo, mas que existo como relação, enquanto interação para com *O Outro* no mundo. No caso considerado, com vários *Outros* e até vários *Eus*. O que significa dizer, manifestamo-nos *O Outro*, o mundo e *Eu* como luzes e como sombras, como similaridade e diferença, como proximidade e como distância, como interior e como exterior. Manifestamo-nos *O Outro*, o mundo e *Eu*, singular ou pluralmente, como potências afirmativas, construtivas, criativas, instauradoras do mundo humano, que é o meu próprio mundo; e, indelindavelmente, como potências tenebrosas, destrutivas, obscuras, desestabilizadoras do mundo dos homens, do meu próprio mundo.

Que *potências* afinal são estas, mobilizadas pela narrativa do lobisomem? Sabe-se, desde o princípio, que forças construtivas e destrutivas se manifestam, que luzes e sombras se fazem representar, que as possibilidades instauradoras e também as desestabilizadoras do mundo humano, do meu mundo, se fazem patentearem. Qual a fonte de onde jorram estas forças, qual o sentido que se delineia sob o impulso das suas manifestações? As fontes do mundo humano são o próprio homem, as forças humanas conjugadas. As forças físicas, as forças psíquicas, as

forças morais, as forças espirituais – o desejo, a vontade, a fé.

O lobisomem traz consigo a ambivalência do lobo e do homem. É *lupus homo*, homem lobo; *homem que se transforma em lobo*. Nunca é demais lembrar, além disso, que nos começos da vida, como nos dias atuais, o homem, tanto quanto o lobo, sobrevive da vida do *Outro*. O homem, de modo similar ao lobo, precisa matar para comer – o boi, o carneiro, o fruto, a erva –; tanto quanto o lobo, precisa desenvolver e projetar a sua agressividade – ainda que de um modo socialmente tolerável e até produtivo. Esta semelhança, esta ambivalência, claramente, não é vivida sem dor; é preciso *exorcizar* a ambivalência, é preciso minimizar a dor. Nada mais compreensível, portanto, que esta necessidade humana de lançar fora de si, longe de si, esta *sensação* de ter uma fera na alma, de ser uma fera em alma: projeta-a, então, na figura mítica do lobisomem, que pode morrer em lugar do humano, em *meu* lugar; e enquanto morre em lugar do humano, em *meu* lugar, leva para longe, ritualisticamente, em imaginação, a *ferocidade* imamente ao modo humano de ser. Daí que tão logo se manifesta o lobo-fera no horizonte do humano, logo lhe é dado combate, depressa é abatida a fera ou desencantada – isto é, humanizada.

Quem são estes *Outros* e estes *Eus* que se patenteiam ao longo do narrado? De início podemos afirmar que os *Outros* e mesmo os *Eus* são expressão – melhor, são modo de ser,

de existir, de atualizar-se, de manifestar-se – destas várias potências, positivas e negativas, construtivas e destrutivas, instauradoras e desestabilizadoras que habitam dentro de mim como dentro de cada um de nós. O lobo é o Outro que me cerceia, me limita, me agride; o lobo sou Eu enquanto cerceamento, limitação e agressão para com o Outro – e mais, a mim mesmo: enquanto cerceio, limito e agrido a mim mesmo e à minha circunstância. *Eu* sou vários, como o *Outro* não se reduz à unicidade; tenho minhas faces construtivas e minhas faces destrutivas, como todos nós; tenho meu lado *lobo* e meu lado *homem*, como todos nós. Os muitos *Eus* e os muitos *Outros* são expressão das muitas potências físicas, psíquicas, morais que fervilham dentro de cada um de nós.

Mas, qual o *mundo* específico dentro de que *faz sentido* a história do lobisomem? O mundo mítico é o mundo dos afetos; é a esfera da existência humana em que tudo se relaciona com tudo de forma imediata, logo tudo afeta a tudo. Mundo posto para além dos modos atualmente predominantes de racionalidade, cria sua própria racionalidade, impenetrável à lei das causas e dos efeitos. Identifica-se, por isto, com o nosso velho mundo pré-científico e, na atualidade, com uma determinada instância que se nos dá para além do científico. O mundo dos afetos, hermético à lei de causa e efeito, se nos dá, se *me dá*, como o que nos afeta, como o que *me* afeta, em nossas vivências, no meu vivido. A dimensão mítica, desse modo, se

dá no mundo do vivido, enquanto afeta as nossas vivências, enquanto impulsiona e orienta as nossas ações. Claramente não se põe a questão da aceitação de *histórias de lobisomem* como *verdade objetiva*, exceto, talvez, para restritas parcelas do humano.

Mas, vale lembrar, onde mais se manifesta a agressividade – a *lupinidade* – humana, nos dias que correm, senão onde mais se afirma o moderno, o científico, o tecnológico, o progresso? O declínio do mundo mítico – ou, mais especificamente, da inserção mítica do homem no mundo – não implica no cancelamento das forças que conduziram este mesmo homem às suas construções míticas. A relação do humano para com estas forças é que se tornou mais precária. Reduzindo-se as possibilidades de reconciliação do homem para consigo mesmo, que têm como uma das formas de via-

bilização a perspectiva mítica do mundo e da vida, encontra-se o humano, mais do que nunca, entregue ao turbilhão das forças cegas que lhe impelem para a frente, para o mundo e para *O Outro*, forças estas que, hoje, tão freqüentemente explodem nas manifestações mais extremas de irracionalidade, de incompreensão, de intolerância – numa palavra, de barbárie.

Desse modo, finalizo esta nossa conversa com uma outra narrativa mítica, a narrativa do lobisomem, reconstruída desde a perspectiva do mítico como apreensão e expressão do mais vivencialmente humano, das forças que nos estabelecem no mundo e estabelecem o próprio mundo; a história do lobisomem como relação, acordo e conciliação do homem para consigo mesmo, de suas forças construtivas e as destrutivas, de suas luzes e suas sombras, de sua face lobo e sua face homem.

O Lobisomem Que Virou Homem

*Quando os bosques cobriam a Terra
Quando o Homem e a Natureza eram Irmãos
Nasceu nosso irmão Lobo
Nasceu o irmão Homem
Nasceu o Lobisomem.*

*A frente, as árvores
Atrás, as árvores
Direita, esquerda, abaixo dos pés
As árvores, mais árvores
Grandes árvores.*

*Lá no alto, filtrado,
vez por outra, um raio de Sol.
Mais no alto, bem mais alto,*

*Encoberto, nublado,
Escondido, azulzinho do Céu.*

*Grandes árvores, mais árvores!
Come frutos, muitos frutos,
E folhas, e flores, e cascas
Nosso primo, primeiro,
Só come vegetal.*

*Mas quer mais, quer mais mundo!
Corre da floresta, o Homem, para o Mundo,
O espaço aberto, a vida aberta
A planície, o vale, a pradaria...
Corre mundo, desafio profundo.*

*Menos árvores, poucas árvores
Grama rala, mato ralo
E as feras, muitas feras, grandes feras
E a morte... e a fome, e a vida.
Para viver, animais matam e comem animais.*

*O Homem está entre as feras,
O Homem é uma fera.
Entre os lobos, os leões, o touro bravo
O Homem é um lobo
O Homem é o Lobisomem.*

*Grandes feras, mais feras!
Come carne, muita carne
Veste peles, lasca pedras
Nosso primo, primeiro,
Mata e come outros animais.*

*Mas quer mais, muito mais!
Derruba a floresta, afasta as feras,
Planta o grão, domestica os bichos
Faz as cidades, domestica a si mesmo...
Faz o seu próprio mundo, desafio profundo.*

*Os bosques já não cobrem a Terra
O Homem e a Natureza já não são Irmãos.
Mas ainda dorme um irmão Lobo
No peito que bate de cada irmão Homem:
Cada um, a um só tempo, é Lobo, é Homem, é Lobisomem.*